



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIIm  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS / SOCIOLOGIA

MARIA ROSANGELA DA SILVA DOS SANTOS

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO:  
GEOGRAFIA E HISTÓRIA

MARIA ROSANGELA DA SILVA DOS SANTOS

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO:  
GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Maranhão como pré-  
requisito à obtenção do grau de Licenciada em  
Ciências Humanas / Sociologia.

Orientador: Prof.º Dr. Agnaldo José da Silva

Imperatriz  
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

DA SILVA DOS SANTOS, MARIA ROSANGELA.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO :  
GEOGRAFIA E HISTÓRIA / MARIA ROSANGELA DA SILVA DOS  
SANTOS. - 2023.

20 f.

Orientador(a): Dr. Agnaldo Silva.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade  
Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão,  
2023.

1. Estágio. 2. Observação. 3. Prática de Ensino. 4.  
Relato de Experiência. I. Silva, Dr. Agnaldo. II. Título.

MARIA ROSANGELA DA SILVA DOS SANTOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas / Sociologia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como pré-requisito para obtenção de título de licenciada em Ciências Humanas / Sociologia.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Agnaldo José da Silva  
(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francisca Melo Agapito  
(Examinadora)

---

Prof. Me. Manoel Pinto Santos  
(Examinador)

## RESUMO

O presente relato de experiência teve como objeto de reflexão os estágios supervisionados realizados no ano de 2019 nas disciplinas de geografia (90h) e história (90h), ambos pertencentes ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. A escola campo onde os referidos estágios foram realizados foi uma escola municipal localizada no Bairro Parque Amazonas, pertencente à região conhecida como Grande Cafeteira, periferia da cidade de Imperatriz. O aporte teórico que fundamentou as observações e reflexões foram os estudos e concepções de Paulo Freire (1996 e 1999) e de Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima (2006), dentre outros. O estudo se apropriou das anotações do caderno de campo, dos próprios relatórios dos estágios de geografia e história e das observações realizadas na escola campo, além da reflexão sobre a prática de ensino e da experiência enquanto estagiária, futura professora, em uma escola pública da periferia da cidade. O estudo revelou que o estágio é um momento riquíssimo de aprendizagem, pois além de articular teoria e prática, propiciou a vivência com a realidade escolar, os desafios de ser professor / professora numa escola pública e a experiência de afetar os estudantes e de ser afetada por eles.

**Palavras-Chave:** Estágio. Observação. Prática de Ensino. Relato de Experiência.

## ABSTRACT

his experience report focused on the supervised internships carried out in 2019 in the disciplines of geography (90h) and history (90h), both belonging to the Degree in Human Sciences / Sociology at the Federal University of Maranhão (UFMA) , Empress campus. The field school where these internships were carried out was a municipal school located in the Parque Amazonas neighborhood, belonging to the region known as Grande Cafeteira, on the outskirts of the city of Imperatriz. The theoretical support that supported the observations and reflections were the studies and conceptions of Paulo Freire (1996 and 1999) and of Selma Garrido Pimenta and Maria Socorro Lucena Lima (2006), among others. The study appropriated notes from the field notebook, the reports of the geography and history internships and observations made at the field school, in addition to reflection on teaching practice and experience as a trainee, future teacher, in a public school in the periphery of the city. The study revealed that the internship is a very rich moment of learning, because in addition to articulating theory and practice, it provided the experience with the school reality, the challenges of being a teacher / teacher in a public school and the experience of affecting students and being affected for them.

**Keywords:** Internship. Observation. Teaching Practice. Experience Report.

## 1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é um importante componente curricular que orienta o discente na sua formação inicial, desafiando-o a estabelecer uma relação entre teoria e prática, além de estabelecer um parâmetro para verificar se a docência é realmente a profissão desejada, na qual atuará após sua formação. Permite também que o estagiário analise as possibilidades de ensino que a escola dispõe para aprimorar sua própria formação. Neste trabalho apresento as experiências do estágio supervisionado em geografia (90h) e história (90h), no ensino fundamental II, ambas vinculadas ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. Estas disciplinas foram executadas na escola municipal Paulo Freire, localizada no parque Amazonas, na periferia de Imperatriz.

De acordo com a resolução de 2014, N°1.191 do CONSEP (Conselho Superior de Ensino e Pesquisa), que regulamenta o estágio supervisionado na UFMA, no artigo 2 e 3 diz que o estágio é um componente curricular obrigatório que pressupõe uma relação dialética entre teoria e prática. Nessa concepção, o estágio assume um caráter social e tecnocientífico, pois visa a formação de profissionais capacitados, possibilitando a busca de propostas criativas para enfrentar de forma eficaz as demandas da educação e da sociedade.

Art. 2º Estágio é um componente curricular integrante do projeto pedagógico dos cursos da Universidade Federal do Maranhão e constitui um eixo articulador entre teoria e prática que possibilita ao estudante a interação entre a formação acadêmica e o mundo do trabalho.

Parágrafo Único: O estágio é atividade acadêmica específica e supervisionada,

Art. 3º São objetivos específicos do estágio:

I. Possibilitar ao estudante a ampliação de conhecimentos teóricos e práticos em situações reais de trabalho;

II. Proporcionar ao estudante o desenvolvimento de competências e habilidades práticas e os aperfeiçoamentos técnicos, científicos e culturais, por meio da contextualização dos conteúdos curriculares e do desenvolvimento de atividades relacionadas, de modo específico ou conexo, com sua área de formação;

III. Desenvolver atividades e comportamentos adequados ao relacionamento sócio profissional. (Resolução do CONSEPE N° 1.191 de 2014)

Partindo dos artigos supracitados, percebe-se que a formação na universidade, não se resume em capacitar o discente teoricamente, mas também possibilita ao estagiário integralizar o saber científico, entre o social, cultural e profissional, na sua prática docente, ou seja é no ambiente de trabalho, especificamente na sala de aula que o futuro educador em formação vai mostrar suas habilidades e competências ao desenvolver e aperfeiçoar suas atividades fundamentadas no conhecimento científico adquiridos no decorrer do curso de licenciatura.

O objetivo deste relato de experiência é refletir sobre a importância do estágio supervisionado, seus desafios e a sua contribuição no processo formativo dos futuros professores em formação do curso de LCH/Sociologia, entendendo o estágio a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a prática docente, devendo nortear o discente a ter uma postura investigativa.

Ao apresentar as experiências e reflexões do estágio, me coloco como sujeita desse processo e passo a narrar minha trajetória, construindo assim o fazer docente que resulta em aprendizados de um momento de prática na escola campo.

O itinerário metodológico parte do cunho qualitativo, através de pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico de base as concepções de Paulo Freire (1996, 1999), Selma Garrido Pimenta (2002 e 2012) e Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lima (2006) dentre outros autores que pesquisam sobre o estágio supervisionado. O presente relato fez uso também dos registros e observações ocorridas no âmbito do estágio.

O motivo da escolha deste tema se deu pelo fato de que antes de ir ao campo de estágio eu tinha uma pobre ideia que iria apenas cumprir uma norma curricular do curso, mas ao adentrar à escola campo, descobri, sem dúvida nenhuma, que está rica experiência foi o período mais marcante de toda minha vida durante o curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

No texto abordo alguns pontos, como a relação entre teoria e prática vivenciada no âmbito do componente de estágio, levando-se em conta as diversas especificidades e complexidades que ela possui; a reflexão sobre o ambiente socioeducativo em uma escola de periferia; a reflexão sobre as práticas pedagógicas das professoras das disciplinas e sobre minha vivência e experiência enquanto estagiária, futura professora. Por fim, como essa vivência afetou em diferentes âmbitos da minha vida, tanto na questão da formação profissional, enquanto aspirante a docente, quanto no meu desenvolvimento acadêmico. Concluo escrevendo algumas considerações finais que acredito ser relevante neste trabalho.

## **2. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **2.1 – Uma breve descrição da escola**

Fui instruída pelo professor orientador a escolher uma escola para realizar o componente de estágio, então escolhi a escola em que eu estudei durante minha adolescência e também em razão da logística, por ser no mesmo bairro em que eu residia, por não precisar de verbas para

custear passagens, sem contar que também ficava complicado me locomover de casa para a escola e da escola para a universidade.

Os estágios de Geografia e História foram realizados em uma escola municipal no ano letivo de 2019, localizada em uma região periférica, conhecida popularmente como região da Grande Cafeteira, na Avenida Pedro Neiva de Santana, no bairro Parque Amazonas, na cidade de Imperatriz - MA. No período do estágio atendia a comunidade local nos segmentos da Educação Infantil (I e II períodos) e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, funcionando em dois turnos com 1.110 alunos regularmente matriculados.

A estrutura física do prédio era, e anda é, composta por 19 salas de aula, secretaria, biblioteca, sala de leitura, sala de recursos, sala de mídias, dois banheiros, sendo um feminino e outro masculino adequados às pessoas com necessidades especiais e crianças de 04 a 06 anos, um laboratório de informática, sala de vídeo, sala de professores, auditório, depósito de merenda e depósito de material, quadra poliesportiva, pátio coberto e descoberto e refeitório.

O estágio foi realizado em turmas de 6º a 8º ano nos períodos matutino e vespertino, de maio a junho de 2019, com a carga horária de 90 horas tanto em geografia como em história, ambos contemplados com atividades de observação, participação, planejamento e regência.

## **2.2 – Observação antes da Práxis**

O estágio ajuda a se pensar sobre a futura atuação do discente como docente, uma oportunidade ímpar que aproxima estagiário e professor regente da sala de aula, como também o conhecimento de todo o ambiente escolar. Esse momento funciona como suporte para elaboração e aplicação de metodologias a serem aplicadas na ministração das aulas.

Aproveitei para registrar minhas concepções, sentimentos e angústias, como uma ferramenta de reflexão sobre minha formação acadêmica em relação à prática e minha formação enquanto futura profissional. Na concepção de Paulo Freire a escrita da autobiografia faz com que educadores se assumam como pesquisadores.

Comecei a escrever fichas a que ia dando, em função do conteúdo de cada uma, certo título ao mesmo tempo em que as numerava. Andava sempre com pedaços de papel nos bolsos, quando não com um pequeno bloco de notas. Se uma ideia me ocorria, não importava onde estivesse, no ônibus, na rua, num restaurante, sozinho, acompanhado, registrava a ideia. Às vezes, era uma pura frase. À noite, em casa, depois do jantar, trabalhava a ou as ideias que havia registrado, escrevendo duas, três ou mais páginas. Em seguida, dava o título para a ficha e o número em ordem crescente (Freire, 1996, p. 58)



Nesse sentido entende-se que a narrativa está relacionada a uma ação crítica de estudar (Freire, 1999) e representa uma possibilidade de o educador ao registrar suas vivências e reflexões encontrar no arcabouço teórico uma integração que o faz compreender a realidade presente. O ato de registrar ajuda o professor a elucidar sobre o que é necessário para que o aluno tenha aprendizado dentro da sala de aula. Esse exercício impulsiona ao estagiário a construção de práticas crítico-reflexivas.

Ao retornar à escola depois de 15 anos, ao adentrar nela, revivi memórias boas e ruins. Lembrei principalmente dos estagiários que passavam por lá, que na minha condição de estudante do ensino fundamental eu nunca entendia esse processo. Agora volto para ocupar uma cadeira enquanto docente/discente. Senti medo de não conseguir executar meu trabalho, eu tão pequena em meio aquele vasto campo que estava à minha frente, mas também com a convicção de que ia dar o meu melhor.

Meu primeiro passo foi para me apresentar à diretoria e resolver questões burocráticas de documentação para a realização do estágio. Pela expressão da diretora: “de novo, mais um estagiário da UFMA”? Logo de imediato deu para perceber que a universidade e a escola tinham uma relação deficiente. Ali fluiu uma resistência em me receber, mas quando falei que eu era ex-aluna da escola, ela mudou completamente de opinião. Segundo ela, não poderia negar um pedido de um filho da casa. Assinou imediatamente toda a papelada e já me apresentou às professoras que iriam me supervisionar.

Na sala de professores fui recebida com muito carinho pelas supervisoras que iriam acompanhar toda a minha trajetória, notei que eram profissionais cansadas, sem muito entusiasmo. Nesse mesmo espaço tive a oportunidade de reencontrar meus antigos professores da adolescência, que despertaram várias lembranças vividas com eles enquanto aluna na sala de aula. Nenhum deles se lembrava de mim, até porque eu era uma aluna extremamente tímida. Algumas professoras da escola faziam um “bico” para complementarem suas rendas, vendendo roupas, produtos de beleza, tapetes e bolsas. Ali, na sala de professores, um professor me disse em voz alta: “ensinar é ter coragem”.

Sobre a formação das professoras das áreas de atuação que eu acompanhei no estágio, cabe dizer que a de geografia era licenciada na área que lecionava e a de história tinha formação em letras, um fato comum, professores atuando em disciplinas que não condizem com sua formação inicial.

Transitando pelo espaço da escola encontrei uma colega de curso, que também estava realizando seu estágio, inclusive também foi estudante da mesma. Esse encontro me alegrou,

aliviou um pouco a tensão e ansiedade. Encontrei nela um meio de partilhar minhas impressões e angústias, durante toda atividade trocamos experiências vividas no contexto escolar.

Durante o período de familiarização com o ambiente da sala de aula, de início fui apresentada à turma pela professora regente. Aproveitei esse momento para conversar com eles e contei a eles os motivos de estar ali naquele espaço, que também já havia estudado naquela escola e que eles iriam me ajudar a aprender a dar aulas. As reações deles foram de curiosidade. Queriam saber de onde eu era, qual minha idade, qual meu estado civil, se eu tinha filhos, se ia ser professora, dentre outras coisas. Respondi as perguntas deles com muito carinho.

Quando souberam que eu morava no mesmo bairro que eles, as impressões que eu tive foi de entusiasmo, de esperança expressa no olhar de cada um. Alguns já me conheciam, eram meus vizinhos, alguns eram primos meus. Mesmo sem falar ou perguntar, o comportamento gestual que manifestavam florescia uma pergunta: Qual a novidade? Eu senti um forte frio na barriga, porque todos estavam depositando expectativas boas em relação à minha atuação. O medo de vir a falhar com eles era grande.

Nem sempre o estagiário é bem recebido pelos estudantes. Lembro-me de um aluno do sexto ano que atirou um biscoito na minha testa, sua expressão era de desafio. Confesso que esse ato gerou pavor, senti desânimo e ao mesmo tempo fiquei recuada por um tempo. Logo fiquei sabendo que esse garoto tinha má conduta em relação aos professores e sua família não intervinha.

Sobre o perfil dos alunos eram todos de baixa renda, seus pais trabalhadores assalariados, subempregados ou desempregados. Alguns tinham família envolvida com o tráfico de drogas e ligações com facções criminosas. Alguns eram filhos de mãe solteira ou eram criados por tios e avós. Em conversa com os alunos descobri que uma parte considerável deles eram beneficiários do Programa Bolsa Família, um programa do governo federal de distribuição de renda direta as famílias em situações de pobreza e vulnerabilidade social. A maioria deles eram pardos e negros, uma minoria indígena, da etnia Guajajara. A idade era entre dez a catorze anos.

Diferente do tempo em que eu estudava, em quase todas as turmas havia adolescentes com deficiência, como deficiência física, mental, auditiva e cognitiva. Outros enfrentavam problemas com drogas, violência, carência de insumos básicos para subsistência. A maioria dos alunos tinha grande déficit na leitura e na escrita.

Enquanto as professoras davam suas aulas, recordava que o método de ensinar ainda era o mesmo de 15 anos atrás, quando eu era estudante da escola. Uma educação bancária (FREIRE, 1987) em que o professor torna-se o único detentor do conhecimento, esses

conteúdos são transmitidos aos alunos, reduzindo estes mesmos a meros receptores, onde memorizam e reproduzem as informações fornecidas. Nesse tipo de concepção os saberes são dados como verdades indiscutíveis e não inclui a realidade dos sujeitos do conhecimento referente ao que está sendo ensinado.

Ainda é frequente nas iniciativas de formação o uso da exposição oral, seja pelo professor ou pelo aluno, como principal estratégia de aula, a prática de transmissão, repetição e memorização se mantém, dogmatizando princípios ultrapassados. As aulas continuam caracterizadas pelo verbalismo docente, marcadas pelas relações autoritárias e pelo afastamento do conhecimento do contexto social, político e econômico (Farias et al, 2011, p.170)

Os livros didáticos também reforçavam essa ideia. Tanto o livro “Historiar” de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues como o “Vontade de saber geografia” de Neiva Torrenzane apresentavam os conteúdos com uma linguagem mecânica, não instigava o estranhamento e possibilidades de novas reflexões. As avaliações foram baseadas predominantemente nos exercícios dos livros didáticos.

Estranhei o nome da escola e o Projeto Político Pedagógico (PPP) por ter o nome de um renomado teórico de referência no Brasil e no mundo no que tange a uma educação libertadora, inclusive no ensino público. Porque o discurso teórico do planejamento não se relaciona com a prática pedagógica da escola?

O comportamento das turmas, em geral, era de desinteresse. Enquanto as professoras tentavam ensinar, os alunos conversavam muito e discutiam entre si, a ponto de passarem mais tempo pedindo silêncio do que ministrando conteúdo. Uma delas usava microfone portátil, foi uma alternativa que ela encontrou para conservar a saúde de suas cordas vocais.

Algo que me chamou bastante atenção foi a questão dos alunos com deficiência. Nenhuma das duas professoras que acompanhei no estágio estavam capacitadas para lidar com esse público estudantil. As crianças/adolescentes com deficiência ficavam sem fazer nada, algumas ficavam correndo dentro da sala, rasgavam o caderno de colegas. Uma menina do 6º ano “D” vespertino, que tinha problemas neurológicos interrompeu a professora de geografia com a seguinte fala: “professora faz tarefa para mim, todo mundo faz e eu não”. Essa fala deixou a professora triste. Em seguida a professora pegou uma folha A4 e desenhou uma flor, e a aula era sobre os movimentos da terra. Quando terminou o horário ela relatou que não tinha habilidades para este público e que tinha muita dificuldade de socializar o conteúdo a eles.

Diante a esse problema concordo com Nunes et al.(1998) ao afirmarem que tanto na formação inicial quanto na formação continuada é necessário incluir espaços de diálogo em prol dos alunos com deficiência, para que os educadores exerçam uma prática pedagógica, que

amenize as barreiras que atrapalham esses alunos a terem um aprendizado eficiente, Mas o que percebe-se é a escassez e até mesmo a ausência desses espaços dentro da escola, seja por falta de incentivo da própria instituição, do governo ou até mesmo a falta de sensibilidade e desinteresse do próprio professor de assegurar uma educação de qualidade a todos os alunos.

Conforme a própria diretora da Escola reconheceu, a escola enfrenta dificuldades que dizem respeito à convivência com a diversidade, não possuindo recursos e espaços adaptados e nem professores com qualificação para lidar com essa realidade, de forma a garantir as condições adequadas de participação e aprendizagem nos processos pedagógicos. Isso me fez pensar, inclusive na escola em que eu realizei minha atividade de estágio, que a inclusão para pessoas com deficiência ainda está no mundo do discurso, como realizar esta modalidade de ensino se as estruturas educacionais da escola não estão capacitadas para receber esses alunos? Inclusão seria somente receber esses alunos em uma sala de aula comum?

Além das impressões sobre o ambiente escolar, o estagiário também deve intervir nas aulas, sempre que a professora precisar da ajuda. Nesse sentido, ajudei em algumas atividades, como fazer chamada, escrever no quadro, aplicação de provas das olimpíadas de matemática, conduzi os educandos ao pátio para palestra sobre violência e abuso sexual, como também acompanhei o plantão pedagógico.

Mediante as análises no espaço/tempo da escola campo me foram reveladas as inquietações, descobertas e certeza da escolha da profissão, como também descobrir que a escola pública é uma realidade complexa e desafiadora. Isso deixou bem claro como é importante as observações no âmbito do trabalho, pois são através delas que o planejamento acontece.

### **2.3 – Planejamento**

O planejamento é imprescindível para a execução de qualquer atividade que se almeje obter bons resultados, e como estamos falando de um estágio de regência, a questão do planejamento é um ato político-social, científico e técnico, como descrito por Cipriano Carlos Luckesi:

O planejamento não será nem exclusivamente um ato político-filosófico, nem exclusivamente um ato técnico; será, sim, um ato ao mesmo tempo político-social, científico e técnico: político-social, na medida em que está comprometido com as finalidades sociais e políticas; científico, na medida em que não se pode planejar sem um conhecimento da realidade; técnico, na medida em que o planejamento exige uma definição de meios eficientes para se obter os resultado (Luckesi, 2011, p.119)

O planejamento feito através da pratica que surge da realidade, devem estar embasado em aspectos históricos, políticos, sociais e econômicos, sendo mediados por saberes críticos, reflexivos, criativos e

transformadores, só assim é possível ter êxito no processo de ensino e aprendizagem, a ausência desses elementos resultam em aulas monótonas, gerando desinteresse dos alunos pelos conteúdos, tornando as aulas desgastantes.

Nessa mesma linha de pensamento, Paulo Freire argumenta que não basta o professor ter domínio de conteúdo, precisa também de estratégias em como aplicá-las. O que implica atenção e disciplina para não dar ênfase apenas aos problemas sociais e políticos deixando de lado o conteúdo, ou o contrário.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro (Freire, 1999, p. 29-30)

De acordo com as percepções obtidas durante a observação sobre o dia-a-dia da escola, tentei inserir atividades planejadas conforme o contexto vivenciado dentro da escola. Todas as aulas foram expositivas dialogadas, incentivando a participação oral já que alguns dos alunos tinham dificuldades na leitura, despertando neles o interesse pelas disciplinas, já que são fundamentais para a aprendizagem diante o convívio em sociedade.

Os fatores tempo e espaço físico, bem como os meios materiais disponíveis, também precisam ser considerados para que os procedimentos didáticos se tornem exequíveis. Consideramos ainda a condição do próprio professor de efetivar tais ações, pois conhecer a dinâmica operativa da estratégia constitui elementos não menos importante do que os demais (Farias et al, 2011, p.141)

A escolha por uma estratégia de exposição oral dialogada foi por que, além do estágio, eu tinha outros trabalhos acadêmicos, além dos afazeres domésticos, ou seja, eu estava muito sobrecarregada, sem contar as condições físicas, material e cultural do campo do estágio.

#### **2.4 – Regência e sua relação entre teoria e prática**

A partir das disciplinas curriculares do curso de Licenciatura em Ciências Humanas, o estagiário é instigado a compreender como se processa o trabalho docente dentro da escola, nesse sentido se faz necessário o convívio do discente dentro do campo de estudo, concebendo o trabalho como diálogo entre teoria e prática. Pimenta e Lima (2006, p.14) argumentam que:

Nesse sentido o estágio atividade curricular é atividade teórica do conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção da realidade, este sim objeto de práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.

Portanto, cabe à instituição formadora desenvolver nos estudantes, futuros professores, habilidades para o conhecimento e análises da escola, o laboratório onde ocorre o ensino e a aprendizagem, bem como nas comunidades onde estão inseridas.

Nesse sentido, o estágio se constitui em eixo central e articulador do curso desde o seu início, com a finalidade de instrumentalizar teoricamente os estudantes estagiários para realizarem constantes leituras, análises e perceber as problematizações da práxis educativa que ocorrem nas escolas, nas salas de aula, nas atividades curriculares que são realizadas pelos educadores nas escolas públicas, com a finalidade de que em sua atuação eles possam colaborar para as transformações necessárias para assegurar a emancipação humana e social de seus alunos, em sua atividade própria de ensinagem (Pimenta e Lima, 2019, p.16.)

O estágio como eixo articulador, significa que todas as disciplinas do currículo do curso de licenciatura deve ajudar o discente a compreender e intervir na realidade da escola, essa atividade disciplinar requer de seus graduandos a obtenção de múltiplos saberes, que as vezes não são tão fáceis de serem adquiridos. Portanto, vale ressaltar que as orientações são cruciais para o desempenho do estagiário, pois elas são um caminho para se alcançar uma prática pedagógica satisfatória, mas nem sempre os professores supervisores do estágio acompanham o discente de forma eficiente.

É preciso que os professores orientadores de estágios procedam, no coletivo, junto a seus pares e alunos, essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias. Essa caminhada conceitual certamente será uma trilha para a proposição de novas experiências (Pimenta e Lima, 2006, p.14)

Durante todo o desenvolvimento do estágio me senti sozinha, a falta de acompanhamento dos supervisores, especialmente o orientador da universidade, tem me causado grande solidão, sem experiência e com pouco conhecimento em uma realidade complexa. Foi um momento desafiante compreender o estágio como uma relação indissociável entre teoria e prática, mas resolvi encarar os desafios lançados.

A ambiguidade teórica (e de compromisso) que muitas vezes está presente na prática dos educadores brasileiros faz com que o entendimento da indissociabilidade entre teoria e prática fique às vezes, nebuloso, confuso, ambíguo ou mesmo compreendido como neotecnismo. Outras vezes, fica-se apenas em discurso sem aprofundar-se suas consequências. [...] É preciso, para melhor explicitá-la, de um lado, trabalharmos o conceito de práxis (Pimenta, 2012, p. 91)

De acordo com Pimenta a práxis é o caminho para o docente promover uma sociedade democrática, visando formar cidadãos com consciência política, que vejam criticamente sua realidade concreta e criem melhores condições de vida em sociedade. Mas, para isso, necessita ensinar e incentivar esta atitude. A formação docente deve estar em sintonia com esse movimento. É necessário cada vez mais que essa formação seja progressista, para que tenhamos educadores capazes de formar estudantes reflexivos e para isso o saber geográfico e histórico são fortes instrumentos para essa transformação.

Mediante as observações das aulas das professoras na sala de aula e o comportamento dos alunos em relação a elas, eu viajava no tempo e me lembrava que eu, enquanto estudante daquela mesma escola, assim como aqueles adolescentes me desligava dos conteúdos facilmente e ficava fatigada de tanto o professor falar. Também me perguntava, para que estudar o passado, se estamos no presente? Não conseguia entender a importância da cartografia, na verdade eu aprendi o valor social dessas disciplinas ao ingressar na universidade. Eu fiquei preocupada com as turmas a ponto de a todo tempo me perguntar que história e geografia eu queria ensinar?

No intuito de solucionar esse problema e tornar o ensino de geografia e história acolhedor e interessante por meio da exposição oral, desenvolvi uma aula dialogada, usando perguntas como ferramenta para despertar a curiosidade, associando o conhecimento deles com os conteúdos, levando-os a terem diferentes concepções dos temas abordados. A cada aula fui absorvendo elementos, conhecimentos e vivências que ao longo da regência foram aperfeiçoando minha prática. Nesse sentido, “Espera-se que a licenciatura desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazer docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano” (Pimenta, 2002, p. 18)

Nas primeiras aulas das turmas de sexto, sétimo e oitavo ano de ambas as disciplinas, História e Geografia, pedi para que os estudantes se apresentassem, dizendo seu nome, onde moravam e quais seus sonhos para o futuro. Chamou minha atenção o fato de que nenhum deles tinha como sonho ser professor, então perguntei por que não queriam essa profissão. Ouvi várias respostas, como: “isso é coisa de louco”, “professor é sofredor”, “os alunos são o capeta”, “ganha pouco”.

Logo em seguida fiz outra pergunta sobre a importância do professor para a vida deles. Então, a maioria respondeu que os ajudavam a ter uma vida melhor, seguindo uma lógica do mundo do trabalho. Em nenhum momento relacionaram o papel do professor às questões de transformação social. Isso me fez refletir na grande responsabilidade de ser professor, de formar pessoas. Com isso, mais questionamentos emergiram, para quem ensinar? Como ensinar?

Consegui executar as aulas e interagir com os alunos, tendo uma participação significativa. Por outro lado, as condições das salas de aulas, as quais não possuíam centrais de ar, sinalizavam que as aulas não seriam bem-sucedidas. Isto em razão do calor excessivo, da superlotação das salas, da pouca ventilação e de serem mal iluminadas. Também por falta de um refeitório os alunos tomavam o lanche dentro da sala de aula, às vezes faltava água na escola e o barulho excessivo de carros e motos, pelo fato da escola estar próxima a duas avenidas. Mas só o fato de conseguir ter atenção deles e os fazer falarem, mesmo que eles se dispersassem às vezes, para mim já era uma grande conquista.

Sofri uma grande frustração em uma turma de sétimo ano na disciplina de história, pois não consegui ter êxito ali na minha experiência docente. Era uma turma muito apática em relação às minhas aulas. A maioria dizia que estava na escola por obrigação, porque os pais mandavam. Partilhei com a professora a minha insatisfação, a frase que escutei foi que não adiantava fazer nada, eles eram “sem

futuro” e que o sétimo ano B era a pior turma da escola. Eu, no desespero, desnorteada, acabei repetindo um grave erro de seguir a velha tendência tecnicista, blablabá... E tome atividade do livro. Resumindo, foi um fracasso.

Esse acontecimento com a turma do sétimo B, em relação a apatia deles comigo e com as aulas me ensinou a refletir sobre a realidade deles, desde as questões socioculturais, formação, relação familiar, até mesmo minha postura na sala de aula em busca de compreender este comportamento.

Eu ouvia muito as professoras falarem a respeito das turmas: “esses meninos não querem aprender, são desinteressados, poucos são os que querem estudar, não adianta insistir e nem gastar tempo”. Eu também cheguei a pensar nisso, mas ao mesmo tempo me questionava: por que continuar negando uma educação de qualidade para esses adolescentes que sempre estão à margem? Simplesmente não são culpados de seus fracassos escolares, mas há uma série de fatores que precisam ser refletidos.

Outra frustração foi que, assim como alguns docentes da escola, não consegui ensinar as crianças com deficiência. Não tinha nenhuma noção de tornar isso possível. As teorias da academia não se adequavam à realidade existente, como planejar uma educação inclusiva que acesse as diferentes formas de aprender?

Muitas crianças e adolescentes viviam em lares conflituosos, chegavam à escola com necessidade de afeto e atenção. Uma hora ou outra, um aluno perguntava: tia posso te dar um abraço? Posso sentar perto da senhora? Quando eu as abraçava, parecia que elas ficavam mais conectadas à aula. Para Freire (1999, p. 29), “não há educação sem amor. O amor implica na luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto, quem não ama não compreende o próximo, não o respeita”.

Durante os intervalos preferia ficar na sala de aula do que ir para a sala dos professores, simplesmente pelo fato de não me sentir confortável. A minha presença parecia incomodar. Foram poucos os diálogos com eles. A maioria das vezes quando eu iniciava uma conversa, era ignorada. Sem contar os lamentos que eu ouvia, mesmo não sendo intenção deles, brotava em mim uma falta de energia, era o tempo todo reclamando de alunos, da falta de tempo para si mesmos, baixos salários, a falta de participação da família dos educandos, o cansaço por consequência da grande demanda, já que a maioria trabalhava nos dois turnos, durante cinco dias na semana.

Em uma conversa com uma professora, ela partilhou comigo um momento difícil de sua vida, em que teve de se afastar das suas atividades, por motivos de ameaças de morte, que inclusive algumas vezes a polícia teve que ser acionada. Esse episódio desencadeou nela a síndrome do pânico, passando um ano longe do trabalho, e quando voltou ficou na secretaria, porque não conseguia ficar na sala de aula. Ela se emocionou ao me contar isso e eu me contive para não chorar também.



Antes de realizar o estágio tinha a impressão que a escola era um paraíso, que ia chegar lá e simplesmente realizar grandes prodígios, que ia brilhar. Ao contrário disso, levei um susto ao adentrar à escola campo. Muitas vezes enfrentei situações para quais eu não estava preparada, como por exemplo assumir o papel de “mãe” dos alunos. No dia a dia a escola pública se apresenta como um lugar desafiador para o professor que está em formação.

A aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, está numa visão míope de aproximação da realidade. Isso aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam (Pimenta e Lima, 2006, p.14)

Assim, em consonância com as autoras, o estágio deve oferecer aos graduandos uma reflexão sobre sua função enquanto educador, diante da realidade que o espera. Eu levei a escola para casa, desde a elaboração de planos de aula a situações difíceis vivenciadas, como por exemplo, o caso de uma criança que passou mal porque estava com fome, um adolescente que tinha voltado de uma licença médica por ter sido esfaqueado, uma menina de 14 anos grávida, um pai de aluno que chegou bêbado querendo agredir uma professora, uma criança autista que gritava, batia e rasgava o caderno dos colegas, dentre outros. Às vezes não conseguia dormir à noite, ou quando dormia sonhava com a escola.

O estágio de geografia e História no Ensino Fundamental II foi o meu primeiro contato com o trabalho docente. Não foi simples, chorei muito no início e deixei o desespero ocupar espaço e isso fez que com que eu descreditasse da minha capacidade de ensinar. Contudo, embora tenha tido vários impasses, o estágio foi importante na minha formação enquanto futura profissional, pois se não fosse ele eu jamais poderia experimentar o dia-a-dia do trabalho docente, como também me avaliar enquanto tal, melhorar ou mudar minhas ações de ensino e aprendizagem para exercer minha profissão com êxito, atendendo as demandas do mundo contemporâneo que a cada dia exige estudo contínuo, porque “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1991, p.58)

O estágio pode contribuir para uma educação transformadora e contribuirá mais ainda se escola e universidade estreitarem mais os laços e construirão juntas de maneira oficial projetos voltados às necessidades da realidade escolar. É preciso acabar com a prática muito frequente por parte da instituição formadora, de encaminhar seus alunos para as escolas campos sem o devido acompanhamento. A dicotomia entre teoria e prática e o afastamento da universidade em relação às escolas que recebem os estagiários não favorece uma aprendizagem significativa. É preciso:

Ultrapassar o eixo epistemológico da teoria como guia da ação predominante na organização curricular dos cursos de Licenciatura e trabalhar com a concepção de

teoria como expressão da prática. Fazer do campo da Educação Básica um espaço de problematização, análise crítica e sistematização dos conhecimentos produzidos por seus agentes no enfrentamento dos problemas decorrentes da contradição que persiste entre a formação acadêmica recebida e a realidade da escola onde atuam. (Romanowski e Martins, 2015, p. 151)

Embora existam forças elitistas que se apropriam da educação como instrumento para manter o modo de vida capitalista neoliberal, nós enquanto futuros professores de escola pública, especialmente do ensino fundamental, devemos insistir por um aprendizado que seja orientado à emancipação e que concorra no sentido de combater as desigualdades sociais. Mas para isso:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (Freire, 1992, p.110-111)

Fazendo uso das palavras de Paulo freire, acredito que nós enquanto instituição, escola, professor em formação, professor licenciado devemos sair da zona de conformismo. É preciso unir as forças, construir em comunhão, pois juntos podemos fazer das problemáticas da escola um instrumento de luta em busca de uma educação humanizadora. Pois quanto mais avaliarmos com a crítica e reflexão, mais bem sucedido será o nosso trabalho. Refletindo as contradições sociais colocadas na sociedade, que também são presenciadas na escola e que encontraremos subsídios para transformação, esse sim o caminho para que se realize a verdadeira práxis.

### 3. CONCLUSÃO

Ao finalizar esse relato de experiência gostaria de dizer que não pode haver separação entre teoria e prática no tocante ao estágio supervisionado, pois o estágio também é um tempo / espaço para a reflexão sobre a teoria e a prática de ensino e um momento significativo de produção de conhecimento. Caso haja uma dicotomia entre teoria e prática a formação do futuro professor ficará comprometida, caindo no perigo de se basear na imitação de modelos do que seria uma boa aula. Para além do cumprimento de uma atividade curricular obrigatória, o estágio é um momento de aprendizagem.

A universidade, por meio da coordenação do estágio e dos professores supervisores, precisa se fazer presente nas escolas campo onde o estágio é realizado. É preciso que haja uma cooperação e participação coletiva dos diferentes atores envolvidos no estágio. Apesar das outras atividades que os professores supervisores assumem na academia, eles precisam acompanhar mais de perto os seus orientandos de estágio. A presença deles na escola iria facilitar muito a vida do estagiário nos momentos de inquietações e dúvidas.

Percebe-se que a parceria entre escola e a universidade se dá apenas no plano burocrático, na assinatura de documentos e no recebimento do relatório final. O ideal é que o professor supervisor da universidade, juntamente com o supervisor técnico da escola e o estagiário planejassem juntos as

atividades a serem desenvolvidas no estágio. Esse trabalho coletivo resultaria em ganhos para todos, em especial para os estudantes, futuros professores.

O estágio foi significativo para a minha formação no curso de Licenciatura em Ciências Humanas / Sociologia, pois me permitiu viver a escola e experimentar momentos de docência e de reflexão sobre a teoria e sobre a prática de ensino. A prática orientada pela reflexão possibilita ao estagiário sentir os dramas da educação pública e a dificuldade de ser professor nesse ambiente, mas permite também perceber que é possível uma educação mais criativa, humanizadora e mais inclusiva. E isso só é permitido ao se inserir no mundo do trabalho do professor.

Ao realizar o estágio supervisionado numa escola pública da periferia de Imperatriz foi possível perceber que na prática educativa, o dia a dia do professor às vezes nos revela momentos bons e, em outros, situações totalmente adversas, mas que nos ensinam a pensar melhor e refletir profundamente sobre o fazer docente. Ensinar não é fácil, é preciso ter habilidade, dinâmica e domínio de conteúdo, como também criar meios para que se tenha aproximação entre professor e aluno para facilitar a aprendizagem.

O estágio proporcionou desenvolvimento pessoal no que se refere ao relacionamento com as pessoas, demonstrou e tornou possível a agregação tanto de valores quanto de conhecimento sobre de como seria uma rotina diária no trabalho. Essa experiência me fez descobrir que é na educação básica que eu quero estar, foi de grande fortalecimento na minha formação acadêmica e no preparo para vivenciar a realidade escolar, possibilitou ainda crescimento e desenvolvimento nas minhas práticas pedagógicas no ambiente de sala de aula.

Enfim essa rica experiência me ensinou uma grande lição que vou carregar para a vida, o professor que queira valorizar sua formação e profissão, deve está em constante reflexão-ação-reflexão, por que dependendo de um determinado espaço/ tempo a forma de ensinar e aprender é diferente, isso exige que o educador esteja em estudo contínuo, pois não existe formula pronta para uma boa aula, ou seja, eu Maria Rosangela, mesmo no exercício da docência serei uma eterna aprendiz da minha profissão.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9.394/96 de 20/12/96.
- COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar 6**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar 7**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- FARIAS, Isabel Maria Sabino de et al. **Didática e Docência: Aprendendo a Profissão**. Brasília: Liber Livro, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Considerações em torno do ato crítico de estudar**. In: FREIRE, P. Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 9-12.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 1987.
- NUNES, L.R.O.P. et al. **Pesquisa em Educação especial na pós-graduação**. Sette Letras, Rio de Janeiro, 1998.
- LA TAILLE, Yves de. O desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In. LA TAILLE, Yves de (org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 20 ed. São Paulo: Summus, 1992.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez: 2011.
- PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro L. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista poeisis**, vol. 3, números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34.
- PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação do Professor: unidade teoria e prática?** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. Estágios supervisionados e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: duas faces da mesma moeda? **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, e240001, 2019.

ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L.O. **Técnicas de estudo para além da dimensão do fazer**. Novas tramas para as técnicas de ensino e estudo. Campinas: Papirus, 2015.

TORRENZANE, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia. 6º ano**. 2 Ed. São Paulo: FTD, 2015.

TORRENZANE, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia. 7º ano**. 2 ed. São Paulo: FTD, 2015.

TORRENZANE, Neiva Camargo. **Vontade de saber geografia. 8º ano**. 2 ed. São Paulo: FTD, 2015.

UFMA - Universidade Federal do Maranhão. **Resolução N.º. 1191- CONSEPE**, de 03 de outubro de 2014.